

**G. WILLOW WILSON**

# Alif

*o invisível*

Tradução  
Ryta Vinagre

# Capítulo Zero

## Pérsia

### Muito Tempo Atrás

A coisa sempre aparecia entre o poente e o breu da noite.

Quando a luz da tarde começava a esmaecer, lançando sombras de cinza e violeta pelo pátio do estábulo abaixo da torre onde ele trabalhava, Reza cedia às ondas arrepiantes de ansiedade e expectativa. A cada dia, com a aproximação da noite, a memória inevitavelmente o levava sessenta anos ao passado, aos braços de sua ama de leite. “É na hora do crepúsculo que o djin fica indócil”, ela lhe dizia. Ela era turca e nunca jogava a água do banho pela janela sem pedir o perdão do povo oculto que vivia na terra. Se não os avisasse, as criaturas indignadas podiam amaldiçoar seu jovem encargo, afetando-o com a cegueira ou a doença das manchas.

Quando era um jovem estudante e ainda não tinha aprendido a ser sábio, Reza desprezava os temores da ama de leite, julgando-os supersticiosos.

Agora era um velho e seus dentes caíam. À medida que o sol se avermelhava, tocando o domo do palácio do xá do outro lado da praça, o familiar terror começava a provocar seus intestinos. Seu aprendiz vadiava no fundo da oficina, pegando os restos do almoço do mestre. Reza sentia o olhar de desdém que o jovem cheio de espinhas lançava em suas costas enquanto estava junto à janela, olhando o progresso do sol moribundo.

– Traga-me o manuscrito – disse Reza, sem se virar. – Prepare minha tinta e as penas de junco. Deixe tudo pronto.

– Sim, mestre.

O tom do jovem era rabugento. Era o terceiro filho de um nobre menor e não tinha erudição nem inclinações espirituais. Uma vez – apenas uma vez – Reza permitiu que o rapaz ficasse quando a coisa o visitara,

na esperança de que o aprendiz a visse, compreendesse e dissesse a Reza que ele não era louco. Isso não aconteceu. Quando a criatura chegou, solidificando-se dentro do círculo de invocação de giz e cinzas que Reza traçara no meio da oficina, o menino pareceu não perceber. Olhou fixamente seu mestre com uma irritação desinteressada enquanto a sombra no círculo se desdobrava e criava membros, formando a caricatura de um homem. Quando Reza se dirigiu à aparição, o menino riu, a zombaria e a incredulidade mesclando-se em sua voz aguda.

– Por quê? – perguntou Reza desesperadamente à criatura. – Por que não deixa que ele o veja?

Em resposta, a coisa criou dentes: uma fileira após outra, espremidos em um sorriso nauseante.

*Ele prefere não ver*, disse a criatura.

Reza receava que o menino contasse sobre as atividades clandestinas de seu mestre ao pai, que depois alertaria os funcionários ortodoxos do palácio, que por sua vez o aprisionariam por feitiçaria. Mas seu aprendiz não dizia nada e retornava dia após dia às suas lições. Sua letargia no serviço e o desdém em sua voz diziam a Reza que ele perdera o respeito do menino.

– A tinta secou nas páginas que escrevi ontem – disse Reza quando o aprendiz voltou com as penas e a tinta. – Estão prontas para conservação. Você preparou mais verniz?

O menino ergueu a cabeça para ele, perdendo a cor do rosto.

– Não posso – pediu ele, seu mau humor evaporando. – Por favor. É terrível demais. Eu não quero...

– Tudo bem – disse Reza com um suspiro. – Farei eu mesmo. Você pode ir.

O menino disparou para a porta.

Reza sentou-se à mesa, puxando uma grande tigela de pedra para si. O trabalho o distrairia até a chegada da noite. Na tigela, despejou uma porção da preciosa almécega que fervera lentamente sobre o braseiro de carvão desde o início da manhã. Acrescentou várias gotas do óleo negro da semente de nigella e mexeu para evitar que o líquido endurecesse. Quando ficou satisfeito com a consistência da mistura, ergueu cautelosamente o véu de linho de uma simples panela de metal colocada numa extremidade da mesa de trabalho.

Um aroma encheu a sala: pungente, alarmante, visceralmente feminino. Reza pensou na esposa, viva, florescendo e crescendo com a criança que morrera com ela. Este cheiro permeara as roupas de cama dos dois antes de Reza ordenar aos criados que as levassem embora e as queimassem. Por um momento, sentiu-se perdido. Obrigando-se a ser impassível, separou o que precisava da massa viscosa e, erguendo-a numa pinça de metal, largou-a sem qualquer cerimônia na tigela de verniz que esfriava. Contou vários minutos nos nós dos dedos antes de olhar novamente a tigela. O verniz assumira o tom claro e cintilante do mel.

Com cuidado, Reza estendeu as páginas transcritas durante a última visita da criatura. Ele escrevia em árabe, não persa, na esperança de que a precaução evitasse que seu trabalho fosse usado para os fins errados, se caísse nas mãos daqueles ignorantes e não iniciados. O manuscrito tinha, portanto, uma tradução dupla: primeiro para o persa, a partir da linguagem sem voz pela qual falava a criatura, que caía nos ouvidos de Reza como os ecos noturnos da infância, quando o sono era precedido pela jornada solitária e atemorizante entre o despertar e o sonhar. Depois, do persa para o árabe, a língua de instrução de Reza, tão matemática e eficiente quanto era difusa a fala da criatura.

O resultado era desconcertante. As histórias estavam ali, apresentadas como Reza podia contar, mas algo havia se perdido. Quando a criatura falava, Reza vagava para uma espécie de transe, observando estranhas formas se ampliarem repetidas vezes, até se assemelharem a montanhas, litorais, o desenho da geadas no vidro. Nesses momentos, ele tinha certeza de ter realizado seu desejo e a soma de conhecimento estava a seu alcance. No entanto, assim que as histórias se fixavam no papel, alteravam-se. Era como se as próprias personagens – a princesa, a ama, o rei pássaro e todos os demais – tivessem se intimidado e escapulado de Reza enquanto ele tentava representá-los em proporções humanas.

Reza mergulhou um pincel de crina de cavalo na tigela de pedra e começou a cobrir as novas páginas com uma fina camada de verniz. O óleo de nigella impedia o papel pesado de empenar. O outro ingrediente, aquele que seu aprendiz obtivera com tanto temor, manteria o manuscrito vivo muito tempo depois que o próprio Reza se fosse, protegendo-o da decomposição. Se ele não desvendasse o verdadeiro significado por trás das palavras da criatura, alguém, algum dia, o faria.

Reza estava tão concentrado em seu trabalho que não percebeu quando o sol ultrapassou o domo do palácio, desaparecendo por trás dos picos secos das montanhas Zagros no horizonte distante. Um vento frio na sala o alertou da iminência do crepúsculo. O coração de Reza começou a bater acelerado nas costelas. Com cautela, antes que o medo se apoderasse inteiramente dele, colocou as páginas envernizadas para secar numa tela. Em uma prateleira próxima estavam suas companheiras, um grosso maço delas, esperando a conclusão da última história. Após terminar, Reza costuraria as páginas com fio de seda e as ataria a um papelão forrado com linho.

*E depois?*

A voz veio, como sempre, de dentro de sua mente. Reza endireitou o corpo, fazendo ranger as juntas rígidas ao se mexer. Controlou a respiração.

– Depois estudarei – disse ele numa voz calma. – Lerei cada história por vezes sem conta até que as tenha memorizado e seu poder se esclareça para mim.

A criatura parecia se divertir. Apareceu sem ruído algum, sentada em silêncio nos confins de sua prisão de giz e cinzas no meio da sala, fitando Reza com olhos amarelados. Reza reprimiu um estremecimento. A visão da criatura ainda o enchia de sensações antagônicas de pavor e triunfo. Quando Reza o invocou pela primeira vez, de certo modo não acreditava que uma entidade poderosa pudesse ser mantida em xeque por umas poucas palavras bem-escolhidas e escritas no chão, palavras que sua criada analfabeta podia varrer sem incorrer em prejuízo algum. Mas era o que acontecia – atestava, ele esperava, a profundidade de seu aprendizado. Reza prendera a criatura com sucesso e agora ela era compelida a voltar dia após dia até concluir suas narrativas.

*“Eu estudarei”, ele diz. A voz da coisa era malévola. Mas o que pode esperar ganhar? O Alf Yeom está além de sua compreensão.*

Reza puxou o manto para cobrir o corpo e ergueu os ombros, tentando parecer honrado.

– Assim alega você, mas sua raça nunca foi conhecida pela honestidade.

*Pelo menos somos honestos entre nós e não cobçamos o que não nos pertence. O homem foi exilado do Jardim por comer uma única fruta e agora você propõe arrancar*

*toda a árvore sem que os anjos percebam. Você é um velho tolo e o Impostor sussurra em seu ouvido.*

– Sou um velho tolo. – Reza sentou-se pesadamente no banco de trabalho. – Mas agora é tarde demais para ser outra coisa. A única maneira de avançar é seguir em frente. Deixe-me concluir meu trabalho e eu o libertarei.

A coisa uivou um lamento e bateu na beira do círculo. De imediato foi jogada para trás, rechaçada por uma barreira criada por Reza que ela não conseguia ver.

*O que você quer?*, choramingou a criatura. *Por que me obriga a dizer o que não devo? Estas não são suas histórias. São nossas.*

– Elas são suas, mas você não as compreende! – vociferou Reza. – Só Adão recebeu o verdadeiro intelecto e apenas os *banu adam* tem o poder de chamar as coisas por seus verdadeiros nomes. O que você chama de rei pássaro, a corça e o veado... São apenas símbolos para disfarçar uma mensagem oculta, como um poeta pode escrever um *ghazal* sobre um leão desdentado para criticar um rei fraco. Oculto em suas histórias está o poder secreto do invisível.

*As histórias são suas próprias mensagens*, disse a criatura com algo semelhante a um suspiro. *Este é o segredo.*

– Atribuirei um número a cada elemento de cada história – disse Reza, ignorando a afirmação alarmante. – Assim criarei um código que determinará a relação quantitativa entre eles. Conquistarei poder sobre eles... – Ele se interrompeu. Uma brisa se agitou pela janela aberta e o cheiro do verniz secando vagou até ele. Reza pensou novamente na esposa.

*Você perdeu alguma coisa*, disse a criatura com astúcia.

– Isso não é problema seu.

*Nenhuma história, código ou segredo na terra pode ressuscitar os mortos.*

– Não quero ressuscitar os mortos. Apenas quero saber... Eu quero...

A coisa escutava. Seus olhos amarelos estavam fixos e não piscavam. Reza se lembrou dos remédios herbáceos, da sangria, do incenso para purificar o ar e das palavras baixas e sucintas das parteiras enquanto se mexiam em volta da cama ensanguentada, puxando seus véus sobre as bocas para falar com ele, parado ali, inútil e desesperado.

– Controle – disse ele por fim.

A criatura voltou a se sentar, passando os braços sobre os joelhos, e o fitou.

*Pegue o papel e a pena, disse. Contarei o final da história. Ele vem acompanhado de um aviso.*

– Qual?

*Quando você o ouvir, se tornará outra pessoa.*

– Que tolice.

A criatura sorriu.

*Pegue sua pena, repetiu.*

# Capítulo Um

## O Golfo Pérsico

### Dias Atuais

Sentado no peitoril de cimento da janela de seu quarto, Alif banhava-se ao sol de um setembro quente. A luz refratava-se em seus cílios. Quando olhava através deles, o mundo se tornava um friso pixelado de azul e branco. Desfocar o olhar por tempo demais lhe provocava uma dor aguda na testa e ele baixou os olhos novamente, observando sombras florescerem por trás das pálpebras. Um smartphone com tela de cromo estava a seus pés – pirateado, mas ele não sabia se tinha vindo da China para o oeste ou da América para o leste. Não mexia com telefones. Outro hacker tinha preparado o aparelho para ele, contornando a criptografia instalada por alguma gigante das telecomunicações que monopolizava a patente. Exibia as catorze mensagens de texto que ele enviara a Intisar nas últimas duas semanas, a um ritmo disciplinado de uma por dia. Nenhuma obteve resposta.

Observou o smartphone com os olhos entreabertos. Se adormecesse, ela ligaria. Alif acordaria aos solavancos com o toque do telefone, deixando-o cair inadvertidamente do peitoril para o pequeno pátio abaixo, e seria obrigado a descer correndo e procurá-lo entre os arbustos de jasmim. Essa pequena infelicidade podia evitar outra ainda maior: a possibilidade de que ela simplesmente não telefonasse.

– A lei da entropia – disse ele para o telefone.

O aparelho cintilava ao sol. Abaixo dele, a gata preta e laranja que caçava besouros pelo pátio desde que ele conseguia se lembrar apareceu mordiscando pelo chão ressecado, erguendo as patas de sola rosada para resfriá-las. Quando ele chamou, ela soltou um miado irritado e se meteu embaixo de um jasmineiro.



– Quente demais para gato ou homem – disse Alif.

Bocejou e sentiu gosto de metal. O ar era denso e oleoso, como a exalação de alguma grande máquina. Invadia em vez de aliviar os pulmões e, combinado ao calor, gerava um pânico instintivo. Intisar certa vez dissera que a Cidade odiava seus habitantes e tentava sufocá-los. Ela – pois Intisar insistia que a Cidade era feminina – se lembrava de um tempo em que pensamentos mais puros engendravam um ar mais puro: o reino do xeque Abdel Sabbour, que tentou com tanta coragem rechaçar os invasores europeus; a aurora de Jamat Al Basheera, a grande universidade; e, antes ainda, as cortes de verão de Pari-Nef, Onieri, Bes. A cidade teve nomes mais gentis do que este que traz agora. Islamizada por um santo-djin, ou assim conta a história, fica numa encruzilhada entre o mundo terreno e o Bairro Vazio, domínio dos demônios e dos *effrit* que podem assumir a forma de animais ferozes. Se não fosse pelas bênçãos do santo-djin sepultado sob a mesquita de Al Basheera, que ouviu a mensagem do Profeta e chorou, a Cidade poderia ser invadida por um povo estranho, assim como faziam os turistas e homens do petróleo.

– Eu quase me convenço de que você acredita nisso – dissera Alif a Intisar.

– É claro que acredito – respondera Intisar. – A tumba é bem real. Você pode visitá-la às sextas-feiras. O turbante do santo-djin fica bem por cima.

O sol começava a cair a oeste, pela faixa de deserto para além do Bairro Novo. Alif colocou o telefone no bolso e desceu do peitoril da janela, voltando para dentro do quarto. Depois que escurecesse, talvez, ele poderia tentar falar mais uma vez com ela. Intisar sempre preferia encontrá-lo à noite. A sociedade não se importava que você infringisse as regras; só exigia que as reconhecesse. Os encontros depois do escurecer mostravam presença de espírito. Sugeria que você sabia estar fazendo algo contrário aos costumes dominantes e se esforçava muito para não ser apanhado. Intisar, nobre e problemática, com seu cabelo preto e voz de pombinha, era digna de tal discricção.

Alif entendia que ela desejasse sigilo. Ele estava havia tanto tempo protegido por trás de seu nick, uma mera letra do alfabeto, que não pensava mais em si mesmo como nada além de um alif – uma linha reta, um muro. Agora seu nome de batismo soava desafinado aos seus ouvidos.

O ato de ocultar-se tornara-se mais poderoso do que o que era ocultado. Sabendo disso, entendia a necessidade de Intisar de manter em segredo a relação dos dois muito depois de ele próprio estar cansado do esforço. Se os encontros clandestinos arejavam seu amor, que assim fosse. Podia esperar mais uma ou duas horas.

O cheiro ácido de *rasam* e arroz subiu pela janela aberta. Ele podia descer à cozinha e comer – não comia nada desde o café da manhã. Uma batida do outro lado da parede, bem atrás do pôster de Robert Smith, o fez parar a caminho da porta. Mordeu o lábio, frustrado. Talvez pudesse passar sem ser detectado. Mas a batida foi seguida por uma série curta e precisa de pancadas leves: *سطح*. Ela o ouvira descer da janela. Suspirando, Alif bateu duas vezes no joelho reticulado e em preto e branco de Robert Smith.

Dina já alcançara o terraço quando ele chegou. Estava de frente para o mar, ou o que seria um mar, se fosse possível vê-lo através do emaranhado de prédios a leste.

– O que você quer? – perguntou Alif.

Ela se virou e tombou a cabeça de lado, com a testa se contraindo pela abertura fina de seu rosto com véu.

– Devolver seu livro – disse ela. – O que você tem?

– Nada. – Ele fez um gesto irritado. – Então, me devolva o livro.

Dina colocou a mão por dentro da túnica e pegou um exemplar surrado de *A bússola de ouro*.

– Não vai me perguntar o que achei? – quis saber ela.

– Não ligo. O inglês deve ter sido muito difícil para você.

– Nada disso. Entendi cada palavra. Este livro – ela o agitou no ar – é cheio de imagens pagãs. É perigoso.

– Não seja ignorante. São metáforas. Eu disse que você não ia entender.

– As metáforas são perigosas. Chamar uma coisa por um nome falso a transforma e a metáfora é só um jeito enfeitado de chamar algo por um nome falso.

Alif arrancou o livro de sua mão. Ouviu-se um silvo de tecido enquanto Dina empinava o queixo, os olhos desaparecendo por trás dos cílios. Embora não visse seu rosto havia quase dez anos, Alif sabia que ela estava fazendo beicinho.

– Desculpe – disse ele, apertando o livro no peito. – Só não estou me sentindo bem hoje.

Dina ficou em silêncio. Alif olhou com impaciência por sobre o ombro dela: via uma parte do Bairro Antigo tremeluzir em uma elevação para além do vulgar conjunto de bairros residenciais à volta deles. Intisar estava em algum lugar por ali, como uma pérola incrustada em um dos moluscos antigos que os *ghataseen* procuravam pelas praias que beijavam seus muros. Talvez estivesse trabalhando em sua monografia, estudando diligentemente a literatura islâmica primitiva; talvez estivesse nadando na piscina de arenito no pátio da casa do pai. Talvez estivesse pensando nele.

– Eu não ia dizer nada – falou Dina.

Alif piscou.

– Dizer nada sobre o quê? – perguntou ele.

– Nossa empregada ouviu os vizinhos falando ontem no *souk*. Diziam que sua mãe ainda é, no fundo, uma hindu. Alegam que a viram comprando velas *puja* naquela loja na rua Nasser.

Alif a fitou, e os músculos de seu queixo tremeram. Abruptamente, virou-se e atravessou o terraço empoeirado, passando pela antena parabólica e pelas plantas em vasos, e não parou quando Dina o chamou por seu nome de batismo.

\* \* \*

Na cozinha, a mãe cortava cebolas verdes ao lado da empregada da família. O suor aparecia onde a *salwar kameez* que ela usava expunha as primeiras vértebras das costas.

– Mãe. – Alif tocou em seu ombro.

– O que foi, *makan?* – Sua faca não parou enquanto ela falava.

– Precisa de alguma coisa?

– Mas que pergunta! Você comeu?

Alif sentou-se à pequena mesa da cozinha e viu a empregada baixar um prato de comida diante dele sem dizer nada.

– Era com Dina que você estava falando no terraço? – perguntou a mãe, raspando um monte de cebolas numa tigela.

– E daí?

– Não devia. Os pais dela vão querer casá-la em breve. As boas famílias não vão gostar de saber que ela anda com um menino estranho.

Alif fez uma careta.

– Quem é estranho? Moramos na mesma casa geminada idiota desde que éramos crianças. Antigamente ela brincava no meu quarto.

– Quando vocês tinham cinco anos! Ela agora é uma mulher.

– Ainda deve ter o mesmo narigão.

– Não seja maldoso, *makan-jan*. Isso não é atraente.

Alif empurrava a comida pelo prato.

– Eu podia ter a cara de Amr Diab e não faria diferença – murmurou ele.

A mãe se virou para olhá-lo, franzindo o rosto redondo.

– Sinceramente, você está sendo infantil. Se pelo menos se ajeitasse numa profissão de verdade e tivesse algum dinheiro, haveria milhares de meninas indianas lindas que ficariam honradas em...

– Mas não meninas árabes.

A empregada puxou o ar pelos dentes com ironia.

– E o que há de tão especial nas meninas árabes? – perguntou a mãe. – Elas são cheias de si e andam por aí com os olhos pintados feito dançarinas de cabaré, mas não são nada sem dinheiro. Nem bonitas, nem inteligentes, nenhuma delas sabe cozinhar...

– Eu não quero uma cozinheira! – Alif empurrou a cadeira para trás. – Vou subir.

– Que bom! Leve seu prato.

Alif pegou o prato da mesa, fazendo o garfo derrapar para o chão. Passou por cima da empregada que se abaixara para pegá-lo.

De volta ao quarto, olhou-se no espelho. Pelo menos os sangue indiano e árabe misturavam-se agradavelmente em seu rosto. Sua pele tinha um tom de bronze. Os olhos puxaram ao lado beduíno da família, a boca ao dravidiano; no todo, gostava do queixo. Sim, bem agradável, mas ele jamais passaria por um árabe de sangue puro. Só o sangue puro, herdado de um milênio de xeques e emires, seria bom o bastante para Intisar.

– Uma profissão de verdade – disse Alif para seu reflexo, fazendo eco à mãe. Pelo espelho, viu o monitor do computador ganhar vida. Franziu a testa, observando a leitura de transferência começar a rolar pela tela, rastreando o endereço de IP e a estatística de uso de quem tentava

invadir seu programa de criptografia. – Quem está xeretando minha casa? Que malcriado.

Ele se sentou à mesa e examinou a tela plana – quase nova, impecável, a não ser por uma rachadura mínima que ele próprio consertou; comprada a um bom preço de Abdullah, da Rádio Sheikh. O endereço de IP do invasor vinha de um servidor em Winnipeg e esta era sua primeira tentativa de entrar no sistema operacional de Alif. Então, era curiosidade. Com toda probabilidade, o intruso era um hacker também. Depois de testar as defesas de Alif por dois minutos, desistiu, mas não antes de executar o Pony Express, um cavalo de Troia que Alif escondera no que parecia um pequeno defeito na criptografia. Se fosse um pouco competente, o invasor provavelmente correria programas especializados antimalware várias vezes por dia, mas com sorte Alif teria algumas horas para identificar seus hábitos de navegação na internet.

Alif ligou um pequeno ventilador elétrico perto de seu pé e o apontou para a torre do computador. A CPU esquentava; na semana anterior, chegara perto de queimar a placa-mãe. Ele não podia se dar o luxo de relaxar. Mesmo um dia off-line podia colocar em risco seus clientes mais notórios. Há anos os sauditas estavam atrás de Jahil69, furiosos com a impossibilidade de bloquear seu site erótico amador e por ele ter diariamente mais visitantes do que qualquer outro serviço da internet no reino. Na Turquia, Truemartyr e Umar\_Online fomentavam a revolução islâmica a partir de um local que as autoridades em Ancara tinham dificuldade para identificar. Alif não era um ideólogo; no que lhe dizia respeito, qualquer um que pudesse pagar por sua proteção tinha direito a ela.

Eram os censores que o faziam cerrar os dentes enquanto dormia, os censores que sufocavam todo empreendimento, fosse sagrado ou profano. Metade do mundo vivia sob sua nuvem digital de uns e zeros, tendo negado o livre acesso à economia da informação. Alif e os amigos liam as queixas de suas contrapartes norte-americanas e britânicas mimadas – militantes, conforme se declaravam, irritados com alguma nova lei de monitoramento digital – e riam. Monoglotas ignorantes, era como Abdullah os chamava quando tinha vontade de falar inglês. Eles não tinham ideia de como era operar na Cidade, nem em qualquer outra cidade que não estivesse envolta em códigos postais sanitários e leis meticulosas. Não tinham noção de como era viver em um lugar que se gabava de um

dos mais sofisticados sistemas de policiamento digital do mundo, mas que não proporcionava serviço postal adequado. Emirados com príncipes em carros revestidos de prata e distritos sem água corrente. Uma internet em que todo blog, toda sala de bate-papo, todo fórum é monitorado em busca de manifestações ilegais de insatisfação e inquietação.

– O dia deles chegará – disse-lhe certa vez Abdullah. Estavam fumando um narguilé bem preparado na varanda dos fundos da Rádio Sheikh, vendo um casal de gatos selvagens procriar em um monte de lixo. – Uma manhã acordarão e perceberão que sua civilização foi puxada de baixo deles, centímetro por centímetro, dólar por dólar, assim como foi a nossa. Saberão o que é ter adormecido pelo mais importante século de sua história.

– E isso não vai nos ajudar – disse Alif.

– Não – concordou Abdullah –, mas certamente vai fazer com que eu me sinta melhor.

Enquanto isso não acontecia, eles tinham seus pesadelos locais com que se ocupar. Na universidade, frustrado com os hiatos no currículo de ciência da computação ministrado pelos próprios servidores do Estado que policiavam a paisagem digital, Alif se livrou do rancor. Aprenderia sozinho o que não ensinavam. Ajudaria a inundar seus servidores com vídeos de sexo ou obrigaria os soldados de Deus a baixar a cabeça – não importava o que viesse primeiro. Antes o caos que a lenta asfixia.

Apenas cinco anos antes – ou menos – os censores costumavam ser indolentes, dependendo de sites da mídia social e de um trabalho anti-quado de detetive para rastrear seus alvos. Aos poucos, foram ficando dotados de algum conhecimento profano. A tagarelice começou em incontáveis *mainframes*: quem ensinou a eles? A CIA? Mais provavelmente foi o Mossad; a CIA não era inteligente a ponto de escolher meios tão sutis de desmoralizar o proletariado digital. Não eram unidos por credo algum esses censores; eram Ba'ath na Síria, seculares na Tunísia, salafis na Arábia Saudita. Entretanto, seus métodos eram tão idênticos quanto seus objetivos eram díspares. Descobrir, dismantelar, submeter.

Na Cidade, o aumento no policiamento da internet parecia uma singularidade bizarra. Avançava pelos blogs e fóruns dos desafetos como uma neblina, às vezes aparecendo como uma falha de código ou defeito do servidor, às vezes como uma queda repentina na velocidade da

conexão. Alif levou meses e precisou se unir a outros hackers da Cidade para fazer a ligação entre esses eventos aparentemente banais. Enquanto isso, as contas de hospedagem de alguns dos mais importantes descontentes da Cidade eram descobertas e invadidas – supostamente pelo governo –, deixando-os incapazes de acessar os próprios sites. Antes de sair do ecossistema digital para sempre, NewQuarter01, o primeiro blogueiro da Cidade, chamou a singularidade de Mão de Deus. Ainda corria solto o debate sobre sua identidade: seria um programa, uma pessoa, muitas pessoas? Alguns postulavam que a Mão era o próprio emir – não era sempre dito que Sua Alteza graduou-se em segurança nacional com os chineses, autores do Escudo Dourado? Qualquer que fosse a origem, Alif antevia o desastre na nova onda de monitoramento regional. As contas invadidas eram apenas o primeiro passo. Inevitavelmente, os censores avançariam e invadiriam vidas.

Como se iniciam todas as coisas, incluindo a própria civilização, começaram as prisões no Egito. Nas semanas que levaram à Revolução, a estratosfera digital tornou-se uma zona de guerra. Os blogueiros que usavam plataformas de software livre eram os mais vulneráveis; Alif não ficou surpreso nem impressionado quando foram descobertos e presos. E então os geeks mais empreendedores, aqueles que codificavam os próprios sites, começaram a desaparecer. Quando a violência saiu da internet e ganhou as ruas, transformando as amplas avenidas da praça Tahrir num campo de extermínio, Alif largou sua clientela egípcia sem qualquer cerimônia. Estava claro que o regime no Cairo vencera a capacidade dele de esconder digitalmente seus dissidentes. Corte o braço para salvar o corpo, disse a si mesmo. Se o nome Alif vazasse a qualquer autoridade de segurança ambiciosa do Estado, um grupo de blogueiros, pornógrafos, fundamentalistas islâmicos e militantes da Palestina ao Paquistão correria perigo. Não era com sua própria pele que se preocupava, é claro, embora tenha ficado uma semana sem conseguir cagar sólido depois disso. É claro que não era com sua própria pele.

Foi então que ele viu, pela Al Jazeera, amigos que conhecia apenas pelo apelido sendo levados para a prisão, vítimas dos estertores de morte do regime. Eles tinham rostos, sempre diferentes daqueles que imaginava, mais velhos, mais novos ou incrivelmente brancos, barbudos, com rugas de expressão. Um deles era uma menina. Provavelmente seria estuprada na cela de prisão. Provavelmente era virgem ainda e seria estuprada.

Corte o braço.

Os dedos de Alif deslizaram pelo teclado.

– Metáforas – disse ele. Digitou a palavra em inglês. Como sempre, Dina tinha razão.

Foi por esse motivo que Alif não sentiu prazer com o sucesso da Revolução Egípcia, nem com a onda de levantes que se seguiu. Os triunfos dos colegas sem rosto, que derrubaram sistema após sistema em um governo após outro, serviram apenas para lembrar a ele da própria covardia. A Cidade, antigamente uma emirado tirânico entre muitos, começou a parecer fora de época: a lembrança de uma ordem antiga, ou um sonho do qual seus habitantes não conseguiram acordar. Alif e seus amigos lutaram, abrindo brechas na fortaleza digital que a Mão erguera para proteger o governo putrefato do emir. Mas uma aura de fracasso se apegava aos seus esforços. A história os deixou para trás.

Um bruxulear verde piscou no canto de seu olho: Intisar estava online. Alif soltou um suspiro e sentiu suas entranhas funcionando.

Alif: Por que não respondeu meus e-mails?

Bab\_elDunya: Por favor me deixe em paz

As palmas das mãos de Alif começaram a suar.

Alif: Eu a ofendi?

Bab\_elDunya: Não

Alif: O que é, então?

Bab\_elDunya: Alif, Alif

Alif: Estou ficando louco, me diga qual é o problema

Alif: Quero ver você

Alif: Por favor

Por um longo minuto, ela não escreveu nada. Alif encostou a testa na beira da mesa, esperando pelo som que indicaria que ela havia respondido.

Bab\_elDunya: No lugar em vinte minutos

Alif atravessou a porta às pressas.



\* \* \*

Ele pegou um táxi em direção à margem mais distante do muro do Bairro Antigo e depois seguiu a pé. O muro estava tomado por turistas. O pôr do sol refletia nas pedras transparentes, deixando-as num tom de rosa brilhante, um fenômeno que eles tentariam capturar imperfeitamente com seus celulares e câmeras digitais. Vendedores ambulantes de suvenires e casas de chá tomavam a rua junto do muro. Alif passou com dificuldade por um grupo de japonesas de camisetas idênticas. Alguém por perto fedia a cerveja. Ele reprimiu um grito de frustração quando seu caminho foi bloqueado por um guia *desi* alto que portava uma bandeira.

– Olhem à esquerda, por favor! Centenas de anos atrás, este muro cercava toda a cidade. Os turistas vinham não de navio, mas de camelo! Imagine atravessar o deserto e então, de repente... O mar! E no mar, a cidade cercada por um muro de quartzo, como uma miragem. Eles pensavam que era miragem!

– Com licença, irmão – disse Alif em urdu –, mas não sou uma miragem. Deixe-me passar.

O guia o encarou.

– Viemos todos para cá para ganhar a vida, irmão – disse ele, torcendo o lábio. – Não espante o dinheiro.

– Eu não vim para cá. Nasci aqui.

– *Masha'allab!* Perdoe-me.

Ele firmou as pernas no lugar. O grupo de turistas se reuniu atrás dele por instinto, como galinhas atrás de um galo. Alif olhou a rua além deles. Quase podia ver o telhado corrugado da casa de chá onde Intisar estaria esperando.

– Ninguém se importa se uns vitorianos gordos atravessaram o deserto para olhar um muro – soltou ele. – Agora estão mortos. Temos muitos europeus vivos nos campos de petróleo das instalações da Trans-Atlas. Mostre isso a eles.

O guia fez uma careta.

– Você é louco, *bhai* – murmurou. Deu um passo para o lado, refreando a ninhada de turistas com um braço. Alif havia invocado um vínculo de classe mais sutil do que o comércio. Colocando a mão no coração em sinal de agradecimento, Alif passou.

A casa de chá não era atraente nem memorável. Era decorada com um mural de acrílico manchado mostrando a famosa silhueta do Bairro Novo e o proprietário – um malaio que não falava árabe – servia bebidas de hibisco “autênticas” que tinham saído de moda várias décadas antes. Nenhum nativo da Cidade colocaria o pé naquele simulacro. Foi por esse motivo que Alif e Intisar escolheram o lugar. Quando Alif chegou, Intisar estava de pé no canto, de costas para o salão, examinando postais empoeirados. Alif sentiu o sangue subir à cabeça.

– *As-salaamu alaykum* – disse ele. Ela se virou, as contas pretas batendo suavemente na bainha do véu. Olhos negros e grandes o fitavam.

– Desculpe – sussurrou ela.

Ele atravessou a sala em três passos e pegou sua mão enluvada. O malaio se ocupava em uma pia no canto mais distante, de cabeça baixa; Alif se perguntou se Intisar teria lhe dado dinheiro.

– Pelo amor de Deus – disse ele, a respiração irregular. – O que houve?

Ela baixou os olhos. Alif passou o polegar por sua palma de cetim e sentiu que ela tremia. Queria arrancar o véu e ver seu rosto, inescrutável por trás do muro de renda preta. Ele ainda se lembrava do cheiro de seu pescoço – não fazia tanto tempo assim. Era insuportável que tivessem de ficar separados por tanto tecido.

– Não pude impedir – disse ela. – Tudo foi arranjado sem mim. Eu tentei, Alif, juro que tentei de tudo... Disse ao meu pai que primeiro queria terminar a universidade, ou viajar, mas ele só olhou para mim como se eu fosse louca. É um amigo dele. Rejeitar seria uma ofensa...

Alif parou de respirar. Segurando o pulso de Intisar, começou a tirar a luva, ignorando sua resistência desanimada. Revelou seus dedos pálidos: uma aliança de noivado brilhava entre eles como uma pedra largada em terreno irregular. Soltou a respiração.

– Não – disse ele. – Não. Você não pode. Ele não pode. Vamos embora... Vamos para a Turquia. Não precisamos do consentimento de seu pai para nos casarmos lá. Intisar...

Ela meneava a cabeça.

– Meu pai encontraria um jeito de acabar com você.  
Para horror de Alif, ele sentiu as lágrimas brotando.

– Você não pode se casar com este *chode* – disse ele com a voz rouca.  
– Você é minha mulher aos olhos de Deus, embora de ninguém mais.

Intisar riu.

– Assinamos uma folha de papel que você imprimiu de seu computador – disse ela. – Foi tolice. Nenhum Estado o reconheceria.

– A *shayukb* reconhece. A religião reconhece!

O malaio se mexeu, olhando por sobre o ombro. Sem dizer nada, Intisar puxou Alif para a sala dos fundos e fechou a porta.

– *Não* grite – sibilou ela. – Vai criar um escândalo.

– Isto é um escândalo.

– Não seja tão dramático.

– Não seja condescendente comigo. – Alif torceu o lábio. – Quanto você pagou àquele malaio? Ele está muito permissivo.

– Pare com isso. – Intisar levantou o véu. – Não quero brigar com você. – Um fio de cabelo se prendeu em seu queixo; Alif o empurrou de lado antes de se curvar para beijá-la. Provou seus lábios, os dentes, a língua; ela se retraiu.

– É tarde demais para isso – murmurou ela.

– Não, não é. Eu a protegerei. Venha comigo e eu a protegerei.

Um lábio aveludado tremeu.

– Você é tão criança – disse Intisar. – Isto não é um jogo. Alguém pode se machucar.

Alif bateu o punho na parede e Intisar gritou. Por um momento, eles se olharam. O malaio bateu do outro lado da porta.

– Diga o nome dele – exigiu Alif.

– Não.

– O cacete que não! Me diga o nome dele.

A cor sumiu do rosto de Intisar.

– Abbas – disse ela. – Abbas Al Shehab.

– Abbas, o meteoro? Que nome idiota, mas que nome mais idiota. Vou matá-lo... Vou passar nele uma espada feita de seus próprios ossos...

– Não fale como se fosse o personagem de uma história em quadrinhos. Você não sabe o que está dizendo.

Ela esbarrou nele e abriu a porta. O malaio desatou a gritar num dialeto incompreensível. Ignorando-o, Alif seguiu Intisar pela casa de chá. Ela chorava.

– Vá para casa, Alif. – Ela estremeceu, jogando o véu sobre o rosto novamente. – E cuide para que eu nunca mais veja seu nome. Por favor, Deus, por favor... Eu não suportaria.

Ele embolou as pernas entre uma mesa e uma cadeira e tropeçou. Intisar desapareceu no crepúsculo, um presságio sombrio contra o ar que esmorecia.